

# Educação & Inclusão

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE ATUALIZAÇÃO EM SAÚDE E EDUCAÇÃO

Ano 22 - Volume 10 - Nº 4

## *Depressão Infantil*

UM CONFLITO EMOCIONAL QUE VAI  
ATRAPALHAR A EDUCAÇÃO DE SEU FILHO

## *Analfabetismo Funcional*

O DESAFIO PARA UM FUTURO MELHOR

## *Gestão de Grupos*

DEMONSTRAR SATISFAÇÃO NO  
AMBIENTE DE TRABALHO

## *Dislexia*

E AS POSSIBILIDADES LÚDICAS

## *Autismo*

SEQUENCIAMENTO GENÉTICO PARA  
ENTENDIMENTO SOBRE A DOENÇA

**Brain Connection Saúde**  
**O MUNDO PELA INCLUSÃO**  
 DIVERSOS OLHARES SOBRE O MESMO CÉREBRO

#VEMPRO BRAIN

Prêmio Laboratórios e Grupos de Pesquisa  
 Prof. Dr. Fernando César Capovilla

Prêmio Trabalhos Científicos  
 Profa. Dra. Simone Aparecida Capellini

Parabenizamos aos contemplados!

@brainconnectionoficial  
 www.brainconnection.com.br

REALIZAÇÃO: aejd, GIPTES, INSTITUTO ANGELA MATHYLIDE, ERASMUS+

**Brain Connection Saúde**  
**O MUNDO PELA INCLUSÃO**  
 DIVERSOS OLHARES SOBRE O MESMO CÉREBRO

**Atenção!**

VOCÊ JÁ PODE BAIXAR O SEU CERTIFICADO DO BRAIN CONNECTION! OS CERTIFICADOS ESTÃO DISPONÍVEIS PARA DOWNLOAD NA PÁGINA DO CONGRESSO

#VEMPRO BRAIN

ACESSE:  
 WWW.EVENTOS.CONGRESSE.ME/BRAINCONNECTION

REALIZAÇÃO: aejd, GIPTES, INSTITUTO ANGELA MATHYLIDE, ERASMUS+, vallourec

**Brain Connection Saúde**  
**O MUNDO PELA INCLUSÃO**  
 DIVERSOS OLHARES SOBRE O MESMO CÉREBRO

#VEMPRO BRAIN

**GRATIDÃO AOS 430 PALESTRANTES DO VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEUROCIÊNCIA E APRENDIZAGEM BRAIN CONNECTION/2022!**

@brainconnectionoficial  
 www.brainconnection.com.br

REALIZAÇÃO: aejd, GIPTES, INSTITUTO ANGELA MATHYLIDE, ERASMUS+

**Brain Connection Saúde**  
**O MUNDO PELA INCLUSÃO**  
 DIVERSOS OLHARES SOBRE O MESMO CÉREBRO

#VEMPRO BRAIN

JÁ FEZ DOWNLOAD DE SEUS CERTIFICADOS? ACESSO O SITE E BAIXE AGORA!

@brainconnectionoficial  
 www.brainconnection.com.br

REALIZAÇÃO: aejd, GIPTES, INSTITUTO ANGELA MATHYLIDE, ERASMUS+

# Educação & Inclusão

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE ATUALIZAÇÃO EM SAÚDE E EDUCAÇÃO

## ÍNDICE

Ano 2022 • Volume 10 • Nº 4

Analfabetismo funcional: O desafio para um futuro melhor.....	3
A importância em demonstrar satisfação no ambiente de trabalho.....	7
O cuidar e a escuta emocional no processo de aprendizagem escolar.....	10
Como alfabetizar emocionalmente? .....	15
Sequenciamento de genes do autismo é início de melhor entendimento sobre doença.....	19
Dislexia e as possibilidades lúdicas.....	21
Problemas decorrentes com divulgação da nota do ENEM como pressão familiar na escolha da profissão e desconhecimento das próprias competências e habilidades.....	26



# Educação & Inclusão

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE ATUALIZAÇÃO EM SAÚDE E EDUCAÇÃO

## Conselho Editorial

Editora Científica : Profa. Dra. Ângela Mathylde Soares

## Apoio:



### Conselho Científico Internacional

Profa. Dra. Donald Baeta - Europa - Psicologia

Prof. Dr. Luiz Miguel Neves - Europa - Psicologia

Prof. Dr. Italu Bruno Colares de Oliveira - USA – Psicopedagogia

### Conselho Científico Nacional

Profa. Dra. Jalmiris Regina de Oliveira Simão - Pedagogia

Profa. Dra. Adriana Marques de Oliveira - Fonoaudiologia

Profa. Dra. Adriana Regina Marques de Souza Pelissari - Pedagogia

Profa. Dra. Andrea da Silva Rosa - Pedagogia

Profa. Dra. Antonia Dalla Pria Bankof - Educação Física

Prof. Dr. Carlos Aparecido Zamai - Educação/  
Educação Física

Prof. Ms. Paula Ciol - Terapeuta Ocupacional

Profa. Dra. Claudia da Silva - Fonoaudiologia

Prof. Dr. Eugênio Cunha - Pedagogia

Profa. Dra. Marta Pires Relvas - Neurobiologia

Prof. Dr. Fernando Cesar Capovila - Psicologia

Profa. Dra. Giseli Donadon Germano - Fonoaudiologia

Profa. Dra. Irene Maluf - Psicopedagogia

Prof. Dr. Jaime Luiz Zorzi - Fonoaudiologia

Profa. Ms. Joely Helena Roscito Bento - Psicologia

Profa. Dra. Maira Anelli Martins - Fonoaudiologia

Profa. Dra. Maria Nobre Sampaio - Fonoaudiologia

Profa. Dra. Monique Herrera Cardoso - Fonoaudiologia

Profa. Dra. Simone Aparecida Capellini - Fonoaudiologia

Profa. Dra. Vera Lúcia Orlandi Cunha - Psicopedagogia

Profa. Dra. Luiza Elena Leite Ribeiro do Vale - Psicologia

Profa. Dra. Roberta Rossi Oliveira Palermo - Fonoaudiologia

Profa. Dra. Renata Mousinho - Fonoaudiologia

Prof. Dr. Josias Ferreira da Silva - Pedagogia e Letras

Prof. Ms. Silene Barbosa Montoro - Educação Física

Profa. Dra. Roberta Palermo - Educação



Atlântica Editora  
Rua Major Quedinho, 110 cj 172  
Centro - 01050-030 - São Paulo - SP  
Atendimento  
(11) 3129-0040  
E-mail: [rose@atlanticaeditora.com.br](mailto:rose@atlanticaeditora.com.br)

### Administração e vendas

Antonio Carlos Mello  
[mello@atlanticaeditora.com.br](mailto:mello@atlanticaeditora.com.br)

### Marketing e Publicidade

Rosilene Alves  
[rose@atlanticaeditora.com.br](mailto:rose@atlanticaeditora.com.br)  
[anuncie@atlanticaeditora.com.br](mailto:anuncie@atlanticaeditora.com.br)

Todo o material a ser publicado deve ser enviado  
para o seguinte endereço de e-mail: [rose@atlanticaeditora.com.br](mailto:rose@atlanticaeditora.com.br)

**I.P.** (Informação publicitária): As informações são de responsabilidade dos anunciantes.

© **ATMC - Atlântica Editora Ltda** - Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida, arquivada ou distribuída por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a permissão escrita do proprietário do copyright, Atlântica Editora. O editor não assume qualquer responsabilidade por eventual prejuízo a pessoas ou propriedades ligado à confiabilidade dos produtos, métodos, instruções ou idéias expostos no material publicado. Apesar de todo o material publicitário estar em conformidade com os padrões de ética da saúde, sua inserção na revista não é uma garantia ou endosso da qualidade ou do valor do produto ou das asserções de seu fabricante.

## ANALFABETISMO FUNCIONAL: o desafio para um futuro melhor

Em tempos de *fake News*, compreender o que se lê e ser leitor crítico coloca o assunto sobre analfabetismo funcional em pauta. Mas as tecnologias auxiliam ou prejudicam? Os educadores estão preparados para o multiletramento? O que é preciso para compreender um texto?

Para entender o analfabetismo antes é preciso definir o seu antônimo alfabetismo, ou letramento, que significa lidar com conjunto mínimo de habilidade de compreensão, decodificação e produção com o alfabeto (escrita). De acordo com Roxane Rojo, professora em linguística aplicada, episódio 5 da série *Alfabetismo no Brasil*, os índices de alfabetismo podem reduzir ainda mais nesse contexto multiletrado e à medida que a escrita deixa de ser cada vez menos necessária. Tal assertiva eleva como necessária a atualização constante dos educadores a fim de

multiletrar sem que ocorra perdas de habilidades cognitivas necessárias, como a escrita.

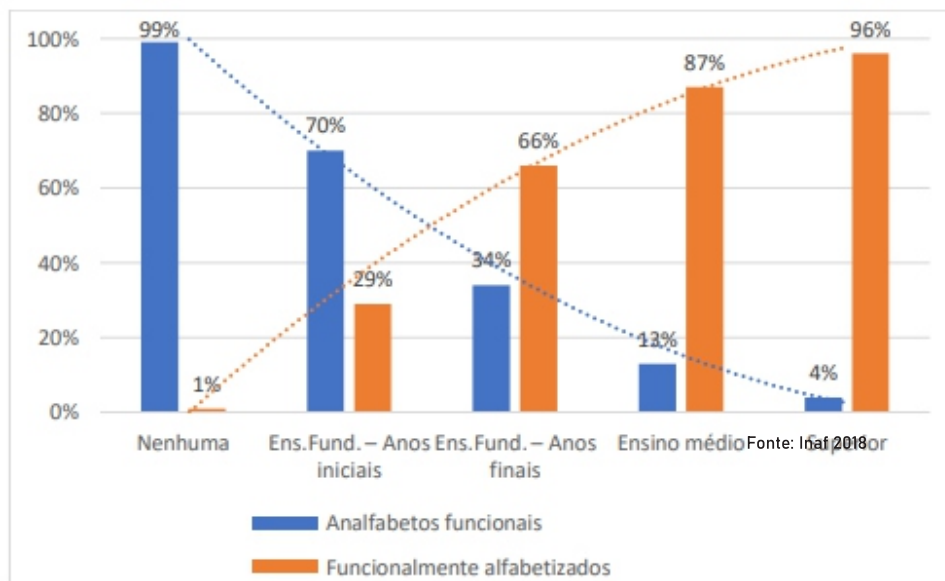
A última pesquisa do Inaf (indicador de alfabetismo funcional) é de 2018, sendo que 3 a cada 10 brasileiros, à época, são analfabetos funcionais, ou seja, “têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas”, INAF Brasil 2018, pág. 8.

De acordo com o relatório, em 2001 os analfabetos representavam 12% da população, sendo em 2015 4% subindo para 8% em 2018. A tabela abaixo apresenta os níveis de alfabetismo no Brasil conforme o Inaf (2001-2018):

Nível	2001	2002	2003	2004	2007	2009	2011	2015	2018
BASE	2000	2000	2001	2002	2002	2002	2002	2002	2002
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Total <sup>2</sup>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
<b>Analfabeto Funcional*</b>	39%	39%	37%	37%	34%	27%	27%	27%	29%
<b>Funcionalmente Alfabetizados*</b>	61%	61%	63%	63%	66%	73%	73%	73%	71%

Fonte: Inaf 2001-2018

O Inaf pesquisou também, o nível de alfabetismo por escolaridade sendo constatado que 4% da população de ensino superior são analfabetos funcionais, e que há mais homens nessa condição do que mulheres. Observe no gráfico abaixo



que quanto mais escolaridade menor a taxa de analfabeto funcional, esses dados corroboram com o pensamento de que para se ter um país de letrados faz-se necessário investimentos em educação de qualidade e acesso igualitário ao ensino superior.

O antropólogo André Luiz, no episódio 7 da série Alfabetismo no Brasil, diz que “as pessoas que tem um déficit de alfabetização participam de forma precária da sociedade, primeiro porque se sentem incapazes de participar, não se veem como participantes já que é negado o direito básico à educação e na própria dificuldade de interpretação das mensagens que circulam na sociedade”. Vera Batalha, professora de letras, no episódio 7 da série Alfabetismo no Brasil, disse que “a alfabetização do letramento e do numeramento constituem chaves para a vida, constituem oportunidade de percepção das relações e isso traz criticidade”.

O papel dos educadores, psicopedagogos, fonoaudiólogos entre outros que atuam diretamente com a aprendizagem é fundamental no suporte e apoio à tornar os aprendentes típicos ou atípicos em leitores funcionais, com multiletramento nesse mundo cada vez mais digital.

### Compreensão textual no *brain*

No dia 23 de novembro de 2022, durante o *Brain connection*, uma palestra alertou para o assunto compreensão textual. A palestrante Dra. Thaís Freire, fonoaudióloga, abordou os aspectos que envolvem a compreensão, processo que vai além da decodificação. A pesquisadora

colocou para os congressistas que o processo de compreensão exige algumas habilidades para que se possa ter a percepção crítica do texto lido: aspectos cognitivos, socioculturais e emocionais (motivação) são base do processo leitor.

Além disso, ela expôs em sua fala outros fatores determinantes para a habilidade de compreensão leitora: vocabulário (auxilia no uso da rota léxica), conhecimentos gramaticais (ler com respeito à pontuação, prosódia), processamento fonológico (consciência fonológica, memória fonológica, velocidade no reconhecimento da letra - rastreo). Alcançando êxitos nessas etapas, ela conclui que já há uma leitura fluente, faltando apenas ajustar velocidade com estratégia de leitura para se tornar um leitor crítico.

Dra. Thaís apresenta os tipos de compreensão: literal, reorganização da informação, inferencial, compreensão crítica. Segundo ela, a leitura literal é um nível superficial, ou seja, encontrar a ideia central e as informações contidas no texto. Ainda, ressalta a importância de ir para além dessa habilidade, conseguindo extrair a ideia central de cada parágrafo, reorganizando e sintetizando (resumir o texto lido com suas próprias palavras).

Ela traz a possibilidade de inferenciar como processo necessário

na fluência leitora visto que é possível inferir o significado de uma palavra pelo contexto da frase, além de trabalhar a flexibilidade cognitiva para entender melhor as metáforas e metonímias. Enfatiza, Thaís que o leitor crítico precisa identificar a intenção do escritor, além de saber o gênero textual.

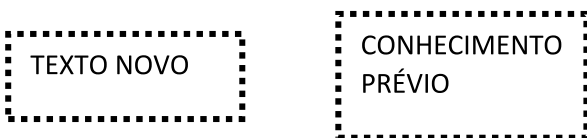
Ela expôs os modelos de compreensão: *bottom up*, da parte para o todo, macroestrutura; *top down*, do todo para a parte, microestrutura; *interacionistas* significa trabalhar tanto a compreensão literal quanto as inferenciais.

Uma compreensão profunda de um texto exige que tenha conhecimentos prévios sobre o assunto e consiga se autorregular, monitorar com uso de estratégias metacognitivas. Por isso, em uma avaliação psicopedagógica deve-se levar o contexto social do aprendente, visto que poderá ser a dificuldade em compreender, uma consequência da exclusão socioeconômica que determina as oportunidades e vivências culturais. Essa regra, também, se aplica pelo nível de escolaridade dos pais e os valores familiares. Um leitor fluente e crítico precisa ter vivência cultural ampla, leitura de diversos gêneros textuais e hábito de leitura. Lembrando que, antes é preciso uma

boa anamnese para entender se o aprendente é um sujeito típico ou atípico.

### Compreensão textual e a linguística

Maria Aparecida Gomes e Evely Boruchovitch, no livro *Compreensão de textos*, colocam a atividade de compreensão leitora como uma ação social, pois depende de estabelecer relação com quem escreveu e os conhecimentos de mundo e linguísticos que acumulou ao longo de sua história como ouvinte/falante.



As habilidades cognitivas são acionadas a todo momento no processo de leitura: memória de curto e longo prazo, atenção, flexibilidade, controle inibitório. Assim sendo, as crianças atípicas que frequentam os

### Referências:

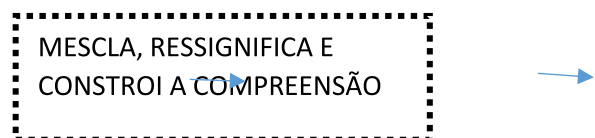
Série de 8 episódios intitulado como *Alfabetismo Brasil* in: TV UNITAU. 15 de novembro de 2018 in: [\(5027\) Alfabetismo Brasil | Inaf - Ep 1/8 - YouTube.](#)

Inaf Brasil 2018, in: [0066-INAF Brasil 2018 - Resultados Preliminares.pdf \(escada.pe.gov.br\)](#), último acesso em 5 de dezembro de 2022.

GOMES, Maria Aparecida Mezzalira & BORUCHOVITCH, Evely. *Leitura e*

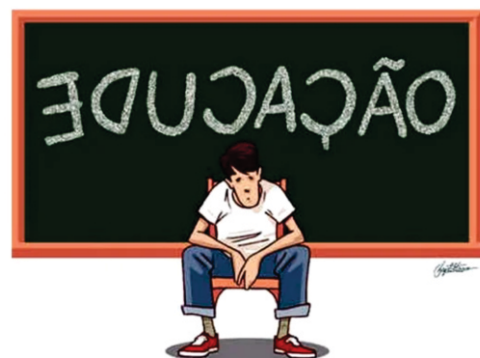
Algumas teorias corroboram a necessidade do conhecimento prévio para a compreensão: teoria do schema e teoria da mesclagem. Na teoria do schema a compreensão é o uso do conhecimento anterior para se criar outro (ressignificar). A teoria da mesclagem, também aborda o conceito do novo conhecimento mesclando com o que já se tem previamente e resignificando-o.

O esquema abaixo resume o que é a compreensão de texto:



consultórios psicopedagógicos trazem dificuldade na compreensão e precisam de apoio para desenvolver estratégias metacognitivas a fim de garantir o processamento do texto de forma crítica.

*compreensão: contribuições da psicologia cognitiva e da teoria do processamento da informação.* IN *Compreensão de textos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. Págs 101 a 122.





## A IMPORTÂNCIA em demonstrar satisfação no ambiente de trabalho

Dalmir Sant'Anna

Dalmir Sant'Anna. Professor em cursos de pós-graduação, especialista na área de gestão de pessoas e pesquisador do comportamento humano. Na área acadêmica é mestre em administração de empresas, pós-graduado em magistério superior e em gestão de pessoas, bacharel em Comunicação Social. Autor de livros na área educacional, empresarial, gestão de carreira, empreendedorismo e liderança.

Falar sobre emoções no ambiente de trabalho era no passado, um objeto de ásperas críticas e alvo de estranheza por alguns líderes conservadores. Entretanto, vários estudos e teorias organizacionais ratificam que a aproximação da paixão com o trabalho, produz substâncias químicas que ajudam a melhorar o desempenho profissional, intensificar a autoestima e contribuir com melhores resultados.

O estado de ânimo é um conceito que engloba duas dimensões de afetividade. O primeiro está relacionado com os afetos positivos de entusiasmo, tendência de vivenciar algo novo e também sensações de alerta. O segundo conceito está relacionado com reações emocionais de raiva e medo. O objetivo da aparência do

monstro no trem fantasma é causar espanto, assombro, medo e pânico. Reconheça a necessidade de equilibrar as duas dimensões de afetividade no seu ambiente de trabalho.

Coloque em prática quando possível o autogerenciamento de suas emoções. Contar até dez pausadamente ou até vinte, quando necessário, poderá ser um grande exercício para não ferir os seus próprios sentimentos. Clientes são promotores da sua marca ou em um caminho inverso, clientes também podem acabar fechando seu negócio, simplesmente comprando em outro lugar... Quem realmente é o seu público alvo? Procure identificar qual a faixa etária, hábitos, padrões comportamentais e se estão presentes no ambiente digital. Quando você consegue definir o perfil do público alvo, as campanhas de marketing e publicidade tornam-se mais assertivas.

Assim, como em um trem fantasma, o ambiente de trabalho expressa diferentes reações emocionais como: ódio, medo, prazer, alegria, encorajamento, disposição e esperança. Demonstre mais satisfação e encontre mais alegria no trabalho realizado. A principal pessoa a ser beneficiada é você! Vamos tentar?

## A busca pela excelência no atendimento

Quem não gosta de ser chamado pelo nome? Perguntar de maneira gentil e educada o nome de uma pessoa não ofende e ainda, gera a possibilidade de uma aproximação maior. Na prática percebemos, que há profissionais que exageram falando demais e esquecendo de ouvir as reais necessidades de um determinado assunto. Quando sou convidado para apresentar palestras para professores e profissionais da educação, gosto de enfatizar que toda mudança gera uma série de conflitos. Se há alguma dúvida nisso, pergunte para alguém que realizou a mudança de uma residência para outra e ouça as dificuldades de adaptações que foram necessárias. A incrível e lamentável constatação é que muitas pessoas optam em ficar paradas e acomodadas.

Observe que desenvolvemos no cotidiano, inúmeras técnicas de comunicação no sentido de vender e oferecer algo, quando indicamos um local para uma visita, sugerimos um projeto, realizamos uma apresentação pessoal ou a maneira como estamos emocionalmente. Vender não é uma ação exclusiva dos profissionais que atuam no segmento comercial, mas uma ação fundamental, para todas as áreas de uma escola.

Nada mais insignificante em um atendimento quando ouvimos “não sei”... Essa expressão demonstra falta de treinamento, pesquisa e desinteresse. Profissionais de vendas que não prestam atenção no uso desta expressão são as mesmas pessoas que não entendem por que não conseguem fechar vendas ou constantemente não batem suas metas de trabalho. Se há dúvida na resposta, diga que estará pesquisando e o mais rápido possível apresentará a resposta. A busca pela excelência no atendimento, não pode ser algo isolado. De nada adianta ser atendido maravilhosamente pela equipe comercial de uma escola, se o aluno ao chegar na portaria é desrespeitado.

Se os produtos estão ficando, cada vez mais semelhantes e similares, quais os fatores diferenciam a sua escola da concorrência? Observe que um importante diferencial competitivo está no serviço oferecido e no atendimento que a sua escola oferece. Desta maneira é necessário investir mais na capacitação das pessoas e buscar fortalecer o profissionalismo, gerando uma integração de todos os setores da escola e criando diferenciais cada vez mais competitivos.

## O reconhecimento faz toda a diferença

Ao contrário de ficar digitando enquanto fala com o(a) cliente, ou ainda, demonstrar uma aparência triste e de desgosto, use de empatia e responda a seguinte pergunta: Você gostaria de receber o atendimento que está oferecendo?

Há pessoas que dispõem de uma capacidade expressiva para inovar, mas ocultam seus talentos. Diante de um mercado cada vez mais competitivo, inovar no atendimento é algo essencial. Procure fazer perguntas para descobrir o que o(a) cliente procura e quais as suas expectativas.

Tenho a sensação que agradecer foi colocado na última página do manual de muitas pessoas. Reconhecimento é um ato sublime e reforça gratidão. Coloque em prática frases de reconhecimento como: Somos gratos por confiar no nosso

trabalho; Volte sempre; Aguardaremos a sua volta; Agradecemos a confiabilidade; Conte sempre conosco. E por favor! Jamais faça pouco caso quando o(a) cliente não entender do assunto. Ao contrário, procure ajudar e explicar com cordialidade, respeito e paciência.

Infelizmente não existe uma fórmula mágica para o bom atendimento. O treinamento, o diálogo e a troca de experiências foi e continuará sendo um importante fator para ajudar você e sua equipe no desenvolvimento de habilidades e competências. Estimule com maior frequência palavras de cortesia e maximize seus resultados com a prática do respeito, da inovação e do reconhecimento.

Na gestão comercial, a máxima de que cada cliente é uma peça fundamental para a sobrevivência organizacional, não é uma lenda ou uma utopia, mas uma realidade que precisa ser compreendida por todos os profissionais que compõem o seu time! Uma pessoa com disposição e iniciativa para fazer a diferença, executa as atividades com a confiabilidade e competência de que vender é uma arte, na qual ela é a primeira pessoa a comprar o produto ou serviço que está oferecendo. Uma imagem assustadora é para quem está no trem fantasma, jamais para quem trabalha com a vontade, dedicação, amor e a confiança de acertar! E como está a sua aparência agora?



# O CUIDAR E A ESCUTA EMOCIONAL

## no processo de aprendizagem escolar

Marta Relvas

Marta Relvas é Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Neurociência e Comportamento, Psicanalista, Psicopedagoga, Especialista em Neurofisiologia Humana, Anatomia Humana, Bioética, Didática do Ensino Superior. Professora de Neuroanatomia e Neurofisiologia Humana, Professora de Neurociência e Educação de Psicopedagogia e Psicomotricidade. Entre os livros lançados estão "Fundamentos Biológicos da Educação", "Neurociência e os Transtornos da Aprendizagem" e "Neurociência na prática pedagógica", publicados pela Wak Editora.

As emoções, segundo Damásio, são complexos psicofisiológicos que se caracterizam por súbitas rupturas no equilíbrio afetivo de curta duração, com repercussões consecutivas sobre a integridade da consciência e sobre a atividade funcional de vários órgãos. Diferentemente, os sentimentos são estados afetivos mais estáveis e duráveis, provavelmente provindos de emoções correlatas que lhe são cronologicamente anteriores.

Conjugando ideias de Piaget e Vygotsky, Damásio afirma que as emoções e a razão não são elementos completamente dissociados como propôs Descartes. Até hoje, o senso comum é que a razão é o contrário da emoção. Entretanto, Damásio mostra em seus trabalhos que pessoas que possuem alguma deficiência na região do cérebro responsável pelas emoções apresentam dificuldades de aprendizado.

Nesse sentido, as emoções são fundamentais no processo de

aprendizagem, pois geram sentimentos, atos racionais, que são utilizados para aprender. Assim, as emoções são as iniciadoras do processo.

Por longo tempo, o componente emocional tem sido descuidado na educação institucionalizada. As contribuições científicas recentes auxiliam a resolução dessa deficiência, uma vez que revela e comprova a dimensão emocional do aprendizado.

As crianças e educadores estão sempre envolvidos em emoções. Uma aula bem-humorada promove bem-estar físico, psicológico, afetivo, seguro, liberando neurotransmissores favoráveis à aprendizagem. As emoções básicas, como prazer, tristeza, raiva, medo, amor e alegria têm uma enorme escala de variação, por exemplo: o prazer pode variar da satisfação ao êxtase; a tristeza, do desapontamento ao desespero; o medo, da timidez ao temor; a raiva, do descontentamento ao ódio. Elas podem ser percebidas em sala de aula, basta um olhar!

A ida à escola de uma criança, no geral, une alegria e ansiedade, seja para ela ou mesmo para seus pais. As reações infantís são variadas, frequentemente apresentando um ataque agudo de ansiedade, um estado emocional que provém do medo, pois, quando forçada a enfrentar uma determinada situação, a criança se sente ameaçada, provocando o medo irracional e incontrolável. Tal quadro pode levar a reações imprevisíveis de fuga, agressão ou autoagressão, dando início a um comportamento fóbico, que

pode desencadear um estado de fobia, considerado um sinal de alerta para o aparelho psíquico.

A fobia escolar não está ligada à classe social ou ao coeficiente intelectual, mas pode estar associada à angústia de uma separação da criança ou do pré-adolescente com os seus pais, principalmente a mãe. Há um sentimento de desamparo que não permite a criança raciocinar sobre os fatos, sendo esse o momento que a ansiedade é desencadeada.

A fobia pode desencadear distúrbios psicossomáticos, tais como cefaleia, diarreia, dores de barriga e outros. No caso do medo, os sintomas são transitórios, logo que o indivíduo se acostuma, desaparece. Assim, a fobia exige um olhar e um tratamento mais específico e elaborado.

Atitudes negativas de determinadas pessoas podem agravar a situação, como forçar a criança a ficar no espaço sem dialogar, ridicularizar os sentimentos, usar chantagens e subornos, ignorar o medo para ver se a criança esquece.

A criança que sofre de Transtorno Fóbico Escolar é tensa, ansiosa e apreensiva, apresenta frequentemente o sentimento de tristeza, depressão, irritabilidade por não conseguir ver solução para a ansiedade que sente. No geral, o sono e as funções executivas – atenção e a memória – são prejudicados.

O corpo apresenta sintomas somáticos devido à excitação do sistema nervoso autonômico, como sudorese, boca seca, pulso rápido, respiração superficial, dor de cabeça, enjoos, podendo também apresentar

inquietudes e comportamentos motores sem sentidos.

A criança apresenta um medo exagerado de um objeto ou situação específica, muitas vezes desproporcional ao perigo real. As fobias podem ser classificadas com base no objeto do medo, como, por exemplo, cobras e lugares fechados. No caso da escola, considera-se como fobia social escolar, ou seja, é o medo de ser negativamente avaliado pelos outros. Assim, isso inclui o medo de falar em público, de errar os exercícios ao ser chamado no quadro, de ter que ler em voz alta ou até mesmo pela presença do professor ou da professora que não estabelecem uma relação de confiança e flexibilidade emocional no processo da aprendizagem cognitiva dos conteúdos curriculares.

Segundo Pince (2002), aprendizagem emocional é uma parte integral da aparente aprendizagem cognitiva, acontecendo em um contexto dinâmico, relacional e emocional inconsciente.

Processos cognitivos e emocionais quase sempre dirigem o crescimento com sucesso das capacidades cognitivas. A emoção vai dando forma à cognição e à aprendizagem. As crises emocionais, naturais ao desenvolvimento ou específica da criança, vão influenciar de forma crônica a evolução desta mesma aprendizagem.

A eficácia emocional da criança se relaciona com a percepção da própria capacidade de lidar, monitorar, manejar e mudar sentimentos adversos que inibem a persistência da busca de um objetivo. Ela pode experimentar

sentimentos e pedir ajuda, o que torna um aprendiz mais eficiente.

O papel da escola e do educador é promover eventos que colaborem com a sociabilidade, resgatar o prazer de aprender, propondo desafios, possibilitando a oportunidade de aprender por meio da educação cooperativa, colaborativa, e menos excludente. Deve-se propor auxiliar a negociação de conflitos, ensinar a assumir responsabilidades por suas ações e seu comportamento. Ao arcar com essas tarefas, a criança passa a não imputar culpa aos outros. Assim, melhora sua organização intrínseca do *self* para a condição real de seu desenvolvimento..

Para despertar estas condições, é necessário que o educador entenda a neurobiologia do gatilho emocional que acontece no cérebro da criança, como e quando ele é disparado e porquê muitas vezes em determinadas situações a criança perde o controle emocional. O fundamental é compreender que essas reações são saudáveis, por ser um sinal de que seu corpo reage aos estímulos.

A fobia acontece num processo químico nos circuitos cerebrais. Sendo assim, ocorre nas trocas neuroquímicas entre as células neuronais, numa estrutura que nos protege involuntariamente do perigo, as amígdalas cerebrais. Desde que seja direto e real, é perfeitamente normal se proteger.

Ao sentir-se ameaçada, a criança acelera o metabolismo, antecipando a necessidade iminente de “fugir ou se defender”. O corpo lança uma corrente de hormônios vasoconstritores e

aceleradores de frequências cardíaca, entre os quais estão a epinefrina, a norepinefrina e o esteroide cortisol. É uma reação neuroendócrina, puramente fisiológica, que perpassa pelo sistema mental superior para ser interpretado e avaliado sobre o contexto do perigo.

Quando esses hormônios são lançados no corpo, o coração começa a bater mais rápido e mais forte, a pele fica fria e arrepiada, os olhos se dilatam para enxergar melhor e as áreas do cérebro envolvidas na tomada de decisões recebem a informação de que é hora de agir. É nesse momento que entra em ação as amígdalas cerebrais – estruturas responsáveis pelos processamentos das emoções primitivas, do medo e do ódio, amor, raiva e são vizinhas do cérebro límbico-primitivo, tendo também como função de arquivar as memórias emocionais.

Cérebro emocional é mais rápido que o pensante, segundo o neurocientista Joseph E. LeDoux em seu livro - *O Cérebro Emocional*, sendo necessários apenas 12 milissegundos para que as informações emocionais possam ser enviadas para o tálamo, onde são processadas e conduzidas para as amígdalas cerebrais. Ele chama esse cérebro emocional de "estrada secundária", enquanto que a "estrada principal" ou o cérebro pensante leva de 30 a 40 milissegundos para processar um acontecimento qualquer. As crianças têm medos que não entendem ou não conseguem controlá-los, por que suas emoções são processadas pelas estradas secundárias e, somente segundos depois, é que o cérebro pensante entende o que aconteceu.

Educar a emoção é promover a habilidade relacionada com o motivar a si mesmo e persistir mediante frustrações, controlar impulsos, canalizando emoções para situações apropriadas.

A escola é um dos espaços para se despertar essas relações, sendo necessário que se inclua no currículo escolar estudos sobre as *“Habilidades Sociais e Emocionais, na aprendizagem cognitiva de conteúdos escolares com mais sentido e significado para a vida”*. Além disso, praticar gratificações prorrogadas, incentivar e estimular a criança, ajudando-a a liberar seu melhor talento e conseguir seu engajamento aos objetivos de interesses comuns.

O desenvolvimento da *Educação Emocional e Social* para minimizar os Transtornos das fobias escolares se faz necessário. Quem lida com a criança em fase escolar precisa conhecer as ideias relativas à educação dos hemisférios cerebrais, bem como as estruturas funcionais do sistema de recompensa e emocional, a fim entender de que maneira acontecem as emoções e como são interpretadas em processos psíquicos extremamente subjetivos, associado ao desenvolvimento da prática da escuta emocional da criança no espaço escolar.

Alguns relatos de crianças que apresentaram problemas de fobia escolar, após vivenciarem situações destrutivas na escola, ajudam a elucidar o assunto:

“Se os professores e os pais tivessem a ideia de como é assustador para “nós” ouvirmos críticas destrutivas, carregadas de raiva, às vezes aos

gritos, das pessoas que amam, talvez fossem mais cuidadosos em suas “brincas”. Os adultos exageram e nos magoam profundamente.”, J.V 11 anos.

“Gente grande esquece que também é difícil ser criança.”, conta P.M 9 anos.

“Um dia eu estava em sala de aula, quando tive uma dúvida do que fazer com a folha do exercício de Matemática. Não sabia se era para colar no caderno. Perguntei para a professora, mas ela não me respondeu, então, perguntei aos meus colegas e eles também não sabiam. Alguns dias depois, perdi minha folha dos exercícios e levei uma bronca da professora. Fiquei muito triste e calado na sala de aula.”, conta V. 8 anos.

“Hoje a professora gritou tanto que eu me despedacei”. G, 7 anos, que apresentava frequentes episódios de cefaléia e dores abdominais indo para escola.

Considerando que não há fórmulas mágicas para se obter uma aprendizagem eficiente, o importante é conhecer a realidade da criança, despertar o interesse e reconhecer sua emoção. Estabelecer vínculos afetivos e de confiança com objetivo de se evitar que o medo transforme-se em uma fobia diante do processo da aprendizagem escolar.

Visando uma perspectiva educacional inovadora, deve-se considerar que o educador estimule os sonhos da criança e, a partir desses, faça metas e objetivos para serem realizados e superados.

O educador pode minimizar os riscos da fobia escolar no momento da elaboração do seu planejamento e de

suas práticas pedagógicas, utilizando-se de recursos e metodologias agradáveis para serem aplicados no processo da aprendizagem, como por exemplo estimular a observação do ambiente externo, explorar a contação de estórias, a dramatização, o uso dos jogos de palavras, tocar ou escutar algum instrumento musical, permitir o lúdico usando o corpo como ferramenta da aprendizagem cognitiva, usar a criatividade.

É fundamental estabelecer o vínculo de confiança e afetividade na relação da aprendizagem escolar e compreender que os “atrasados” não existem no processo educacional, cada criança é única dentro dos aspectos cognitivos, emocionais, afetivos e sociais.

Para que a criança goste da escola e transforme as informações em conhecimentos para vida, o educador precisa estar atento quanto ao domínio da linguagem, enfatizando textos, poemas, a oralidade e sistematizar o conhecimento linguístico formal e não formal com a criança; à capacidade visual, ao promover a criação com ou sem estímulos visuais, explorando formas, cores, construção de jogos usando o corpo como ferramenta de estímulos; à competência auditiva, propondo atividades de criação de sons, intensidade e ritmo, ao promover atividades corporais usando a dança, música, permitindo uma coreografia usando fitas, bandeiras, balões para serem habilmente manejados no ar.

A escola não pode ser um ambiente autoritário, deve ser renovadora, flexível e com possibilidades para questionamentos. É preciso possibilitar a escuta dos sentimentos e outros

estados mentais de si mesmo e do outro, reconhecer que a aula não precisa ser realizada somente dentro da sala convencional, permitindo um passeio ao ar livre para observar os pássaros, as árvores, a construção do espaço físico da escola, promovendo os conhecimentos alicerçados na Ciência, além de permitir que a criança pense e provoque a reflexão – “a melhor escola não é aquela que transmite conteúdos densos e de repetição, mas aquela que provoca e promove o pensar sobre o pensar e que permite questionamentos e dúvidas”.

Quanto mais atividades prazerosas nas práticas pedagógicas forem realizadas no cotidiano escolar, há menos fobias escolares e mais os cérebros das crianças agradecem!





# COMO ALFABETIZAR EMOCIONALMENTE?

Paty Fonte

Paty Fonte - Especialista em Educação Infantil e Pedagogia de Projetos. Autora do livro “Competências Socioemocionais na Escola” (Wak) e coautora do “ Socorro! Meus filhos estão crescendo” (Nelpa)

Será que nós, adultos, pais, educadores, cuidadores, percebemos a importância das emoções no processo de desenvolvimento do ser humano?

Mal a criança aprende a falar sua família reflete a ansiedade para que complete as sílabas corretamente, depois as palavras, as frases e assim sucessivamente.

Ao iniciar o convívio escolar o pequeno ser já é alvo de preocupações: será que meu filho logo aprenderá a escrever a letra inicial do seu nome? A ler? A reconhecer vogais e sílabas?

Inegavelmente os pais se orgulham da alfabetização – sinônimo de decodificar as letras, de reproduzi-las corretamente. É comum o lacrimejar sorrindo quando escutam seus filhotes baluciando as primeiras sílabas, lendo pequenas palavras, reconhecendo-as em embalagens, rótulos e cartazes nas ruas.

Em seguida, a preocupação com a alfabetização matemática, com a aquisição dos conteúdos e a criança cresce e surpreende com sua facilidade em aprender.

Além disso, existe uma certa competição nas escolas, para alguns pais é terrível se outra criança aprende mais rápido. E tudo isto acontece, geralmente, com o aval dos docentes

que, desde muito cedo priorizam o aspecto cognitivo.

Todavia, as crianças crescem competentes intelectualmente e apresentam problemas sérios de fundo emocional. É alarmante o índice de violência, intolerância e bullying nas escolas.

Nosso século é marcado pela tecnologia e por transtornos emocionais.

Assustadoramente aumentam os índices de problemas psíquicos entre crianças e jovens. Cresce a cada dia o número de jovens que se mutilam. A automutilação atinge adolescentes no Brasil e no mundo. Pesquisas indicam que 20% dos jovens sofrem desse mal. Além disso, em nosso país, as taxas de suicídio cresceram na população em geral. O suicídio é, hoje, a quarta causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil.

É preciso refletirmos sobre as emoções e como elas influenciam o nosso cotidiano.

Perseverança, resiliência, determinação, colaboração, autocontrole, curiosidade, otimismo e confiança independem do nosso intelecto, da nossa cultura e formação, porém, são habilidades possíveis de serem desenvolvidas.

Atualmente, em processo de seleção para cargos importantes em grandes empresas, um bom currículo pode ser excluído se o candidato não demonstra habilidades como criatividade, inovação, empatia e flexibilidade.

O desequilíbrio emocional sabota as mentes intelectuais através de ansiedade exagerada, atitudes

explosivas e/ou dificuldade no trabalho em equipe e no relacionamento com as diferenças.

Por tudo isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incluiu o ensino das competências socioemocionais nas escolas. Mais do que uma exigência documental é uma necessidade.

As habilidades socioemocionais são construídas por uma extensa e complexa rede de conhecimentos e comportamentos relacionados ao sucesso ou ao fracasso de um empreendimento. Tais habilidades levam em consideração, como o indivíduo consegue refletir sobre suas emoções quando precisa tomar decisões intrapessoais e interpessoais. É, portanto, uma capacidade reflexiva de lidar com as emoções e potencializar características ímpares do seu eu nas relações com o outro.

No atual momento pandêmico, aqueles que se preocupam com o constante desenvolvimento de suas habilidades socioemocionais se destacam em soluções criativas, apresentam características como: coragem, autoconfiança, e serenidade no enfrentamento das crises que a situação produz.

É necessário salientar que a alfabetização emocional se inicia no lar, ou melhor, no ventre materno. Pesquisas revelaram que o programa emocional do indivíduo é iniciado enquanto feto, a partir da interpretação das emoções vividas pela mãe. Além disso, já é possível afirmar que a base de tal programa emocional é construída até os 7 anos de vida.

Então, como desenvolver positivamente tais habilidades? A resposta esbarra em uma outra

pergunta: Você se considera alfabetizado emocionalmente?

É fundamental a alfabetização emocional para qualquer ser humano viver em sociedade e estabelecer vínculos saudáveis consigo próprio e com os outros. Educar emocionalmente implica em fortalecer o indivíduo, resgatar valores, o senso de respeito, de solidariedade e responsabilidade.

As famílias que compreendem a importância do desenvolvimento e do fortalecimento emocional se tornam eternas em seus exemplos e inesquecíveis em suas atitudes perante às crianças.

Apesar da família ser a base, a escola é o grande espaço socializador, logo não se traduz na frieza dos conteúdos disciplinares, mas na junção do cognitivo com o emocional.

Aprendemos na interação, pela emoção e não apenas pelo intelecto. Nossos sentimentos norteiam um desenvolvimento efetivo ou não. Se nos sentimos felizes, seguros e confiantes, isso reflete positivamente na vida escolar e, futuramente, na vida profissional.

Como mensurar uma aprendizagem socioemocional? É possível avaliar se um indivíduo aprendeu ou desenvolveu habilidades socioemocionais? Quais são as principais habilidades socioemocionais a serem desenvolvidas?

Muitas são as discussões acadêmicas em torno da identificação e da mensuração das competências socioemocionais e quais deveriam ser desenvolvidas no espaço escolar. São inúmeras pesquisas delimitando inúmeras habilidades - a amplitude das características de personalidade

humana é enorme! É necessário realizar uma taxonomia que permita recortes e afunilamentos para definir e organizar focos de trabalhos pedagógicos.

No meio acadêmico, pesquisadores têm se debruçado nessa tarefa e hoje há um certo consenso em organizar as habilidades socioemocionais em cinco grandes domínios: os chamados “Big 5”.

Os cinco domínios propostos nos “Big 5” são:

- **Openness (Abertura a experiências)** - estar disposto e interessado pelas experiências - curiosidade, imaginação, criatividade, prazer pelo aprender...
- **Conscientiousness (Conscienciosidade)** - ser organizado, esforçado e responsável pela própria aprendizagem - perseverança, autonomia, autorregulação, controle da impulsividade...
- **Extraversion (Extroversão)** - orientar os interesses e energia para o mundo exterior - autoconfiança, sociabilidade, entusiasmo...
- **Agreeableness (Amabilidade - Cooperatividade)** - atuar em grupo de forma cooperativa e colaborativa - tolerância, simpatia, altruísmo...
- **Neuroticism (Estabilidade emocional)** - demonstrar previsibilidade e consistência nas reações emocionais - autocontrole, calma, serenidade...

Chama muito a atenção o fato das iniciais em inglês das cinco categorias dos “Big 5” formarem a palavra

“ocean”. O oceano é uma metáfora maravilhosa para as habilidades socioemocionais: imensidão, profundidade, mistério, zonas abissais, às vezes uma marola reconfortante e calma, às vezes um maremoto devastador...

Nesse oceano de possibilidades nem sempre conseguiremos avaliar ou mensurar o aprendizado das competências socioemocionais, mas existem mudanças comportamentais nítidas que vão norteando professores, pais e educadores.

Imaginemos que uma criança apresenta um comportamento agressivo e com as atividades propostas, aos poucos, demonstra mais afabilidade. Imaginemos um jovem desinteressado pela escola que com aulas inspiradoras demonstra maior interesse ao ter chance de expressar sua criatividade.

São infinitas as possibilidades de explorarmos o tema visando mudanças positivas.

O ideal, tanto nas escolas como nas famílias, é que se estabeleça uma relação de ensino-aprendizagem onde todos possam interagir, compartilhar e complementar diferentes ideais e posições, mas respeitando e enriquecendo o diálogo a partir da diversidade de pensamentos, sentimentos, sonhos, esperanças e trajetórias que os caracterizam.

Não temos como separar razão e emoção. Quando identificamos, conhecemos e sabemos lidar com nosso mundo interior, estruturamos o melhor caminho para a realização das atividades as quais nos propomos realizar.

Pesquisas indicam que toda emoção negativa é produzida quimicamente pelo nosso corpo e afeta a nossa fisiologia gerando: tensão nos músculos, alteração dos hormônios, mudança do PH sanguíneo. Sentimentos guardados dentro de nós, vão se somando até provocarem reflexos visíveis na parte física: diabetes, pressão alta, câncer, alergias, doenças cardíacas, entre outras.

Gottman, propõe 5 passos para aqueles pais que ainda não são preparadores emocionais, para que se tornem:

1. Perceber as emoções das crianças e as suas próprias;

2. Reconhecer a emoção como uma oportunidade de intimidade e orientação;
3. Ouvir com empatia e legitimar os sentimentos da criança;
4. Ajudar as crianças a verbalizar as emoções;
5. Impor limites e ajudar a criança a encontrar soluções para seus problemas.

Aceitemos, então, o desafio de trabalhar e desenvolver sentimentos, em nós e naqueles com os quais convivemos, pois como deixou de legado o grande mestre Rubem Alves: *“Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno.”*



# SEQUENCIAMENTO DE GENES DO AUTISMO

é início de melhor entendimento sobre doença.

Ângela Mathylde Soares

Neurocientista, psicopedagoga e professora

A maior análise de sequenciamento genético sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi publicada no periódico Cell, em novembro. Os pesquisadores do Hospital For Sick Children encontraram 134 genes ligados ao autismo, analisando 20 mil dados genéticos. O estudo apontou que, dos 20 mil genomas analisados, sete mil eram de indivíduos autistas e os outros 13 mil eram de irmãos e familiares das pessoas com TEA. A extração dos genes foi feita no MSSNG, o banco de dados com o maior conjunto de genoma completo de autismo do mundo. A análise usou a técnica de sequenciamento completo do genoma (WGS) e, a partir dela, foram encontrados mais de 130 genes ligados ao transtorno.

A PHD em neurociência, psicanalista, psicopedagoga e organizadora do Congresso Internacional Brain Connection, Ângela Mathylde Soares, explica que o autismo é uma condição neurológica com dificuldades para a comunicação verbal e não verbal, comportamento repetitivo e dificuldades em aceitar mudanças na rotina. O transtorno pode ser descrito como uma síndrome comportamental complexa e quem possui apresenta uma grande variabilidade na intensidade e na forma de expressão

em relação aos sintomas, sendo que, geralmente, os primeiros sinais surgem ainda na primeira infância.

Ela destaca que é consenso na comunidade científica que os sintomas do transtorno podem estar presentes desde o nascimento, ou aparecer em algum momento, antes dos três anos de idade, mesmo entre crianças com um desenvolvimento aparentemente normal. As primeiras descrições sobre autismo têm mais de 40 anos, mas felizmente, cada vez mais, as pesquisas estão próximas de diagnósticos precisos e tratamentos eficazes, contudo, mesmo assim, ainda falta muito para se descobrir sobre esse universo.

Para se ter uma ideia, até a década de 60, diversos especialistas acreditavam que o autismo estava relacionado à ausência de afeto dos pais pela criança. A partir da década de 70, o avanço dos estudos em psiquiatria e psicologia permitiu defender causas multifatoriais para o autismo, destacando as funções neurobiológicas.

Ângela afirma que, devido à heterogeneidade encontrada no espectro, o grau de gravidade varia, desde pessoas com um quadro leve,

com total independência e leves dificuldades de adaptação, até àquelas pessoas dependentes para as atividades diárias ao longo de toda a vida. "O TEA deve ser mais divulgado e discutido junto à população, em especial os pais, para que saibam identificar os sintomas e busquem ajuda e um tratamento adequado o mais rápido possível. É essencial que crianças e adultos autistas se sintam acolhidos e respeitados em seu ambiente familiar, escolar e profissional para se desenvolverem", alerta.

O tema ainda é muito complexo, demandando a continuação de pesquisas, sendo que

foi um dos destaques na sétima edição do Brain Connection com o tema "O mundo pela inclusão: diversos olhares sob o mesmo cérebro", realizado na última semana de novembro, em Belo Horizonte. A programação desse evento híbrido foi acompanhada por mais de 80 mil pessoas, assistindo às palestras com mais de 300 especialistas, envolvidos com esse movimento mundial pela inclusão como um tradicional espaço para o diálogo entre pesquisadores, acadêmicos, professores, profissionais e comunidade na abordagem de diversas temáticas relacionadas à neurociência aplicada ao saber educacional.



# DISLEXIA E AS POSSIBILIDADES LÚDICAS

Sirlândia Teixeira  
Psicóloga

Sirlândia Teixeira. Psicóloga. Psicopedagoga. Mestre em Psicologia: Fundamentos Psicossociais do Desenvolvimento Humano e Aprendizagem. Solange Rodrigues Martins Camargo dos Santos. Psicóloga. Psicopedagoga. Professora de Educação Física. Mestre em Psicologia da Saúde. Autoras do livro "Dislexia na Educação Infantil intervenção com jogos, brinquedos e brincadeiras", publicado pela Wak Editora.

É necessário que haja atenção e desenvolvimento de iniciativas governamentais em relação à dislexia para que, com profissionalismo, ludicidade e humanização na educação atual, não se repitam as palavras de Winston Churchill: "Fui totalmente desestimulado em meus dias na escola. E nada é mais desencorajador do que sermos marginalizados em sala de aula, o que nos leva a sentirmo-nos inferiores em nossa origem humana".

Educadores e familiares querem ver o sucesso de todas crianças, mas quando observam que o desempenho não atende as atividades propostas básicas como ler, escrever, calcular, compreender é necessário verificar o que pode estar impactando estas atividades e fazer mediações o quanto antes para ajudar a criança.

Segundo o DSM V a dislexia se classifica como um distúrbio de aprendizagem específica (DEA), é um tipo de desordem neurodesenvolvimental que compromete a capacidade para aprender habilidades acadêmicas específicas (de ler, de escrever ou

de aritmética), que são a base de outras competências acadêmicas.

Alguns sinais de dislexia no Ensino Fundamental (Associação Brasileira de Dislexia (2014).

- Dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita;
- Pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras);
- Desatenção e dispersão;
- Dificuldade em copiar de livros e da lousa;
- Dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas etc.) e/ou grossa (ginástica, dança etc.);
- Desorganização geral, constantes atrasos na entrega de trabalho escolares e perda de seus pertences;
- Confusão para nomear entre esquerda e direita;
- Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.;
- Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas;

Estas diferenças não são observadas ao mesmo tempo em todos os disléxicos, elas ocorrem em diversas combinações.

Quanto antes a criança for diagnosticada e estimulada adequadamente, maior será a possibilidade de sucesso e menor o prejuízo emocional na construção de uma personalidade saudável.

Na maioria das vezes, é suficiente uma reeducação psicopedagógica para o disléxico conseguir dominar as habilidades e destrezas para ler e escrever. Mas, sem uma atenção especializada, dificilmente a criança disléxica consegue por si só, superar suas dificuldades e, quase sempre, acaba se excluindo das atividades escolares ou de profissões que exijam a realização de processos gráficos. Nos casos mais pontuais, como a dislexia mais severa, é preciso uma atenção mais focada e um olhar interdisciplinar, mesmo tendo a ajuda de profissionais experientes, o disléxico precisará de um plano escolar eficiente e eficaz para superar, as dificuldades escolares.

É consenso de entre os estudiosos que, os problemas emocionais que geralmente a criança disléxica apresenta, não são a causa das dificuldades para ler, mas sua consequência. Geralmente, incompreendida em seu fracasso, e não sendo valorizada em suas várias tentativas para superar suas dificuldades escolares, a criança disléxica acaba desenvolvendo uma autoimagem negativa e uma total desmotivação para empreender a difícil tarefa de ler e de escrever. As dificuldades acumuladas a cada etapa de aprendizagem, as cobranças dos pais e professores e os risos dos colegas, contribuem para o desenvolvimento de comportamentos agressivos, frente ao ambiente escolar, inibições, timidez e ansiedades que podem culminar com a evasão escolar.

Tanto a dislexia como as demais dificuldades escolares (independentes da causa), devem ser motivos de preocupação de

professores e pais na tentativa de se fazer um diagnóstico precoce com a finalidade de se desenvolver uma estratégia de ajuda, que auxilia a criança a superar os obstáculos que vão tornando impossível o ato de aprender a ler e a escrever.

A procura de estratégias diferenciadas para a construção desses conceitos tem como causa a convicção de que a aprendizagem apenas será satisfatória se as situações em que forem trabalhados esses conceitos tiverem significado para o aluno.

Considerando-se que ainda não se conhece a cura para a dislexia do ponto de vista biológico, entretanto, acredita-se na utilização de jogos e brincadeiras, como estímulo e tratamento dos recursos cognitivos e neuromotores de crianças com dificuldades de aprendizagem.

Em geral, as crianças com dificuldades de aprendizagem (específicas) manifestam os sintomas em um ou mais processos psicológicos básicos na compreensão ou no uso da linguagem falada ou escrita. Para Teixeira (2018) através do brinquedo a criança interage com ela mesma e com o meio a sua volta, dando sentido e significado. Assim, a criança aprende brincando, o aprendizado permite o despertar de processos internos de desenvolvimento, e esse despertar torna-se possível a partir do momento em que a criança entra em contato com a atividade espontânea que há no ato de brincar.

Diante desse fato, nota-se a grande oportunidade de utilizar o prazer da brincadeira com situações de aprendizagem. A criança



espontaneamente estará adquirindo conhecimento e uma estrutura básica de mudanças das necessidades subjetivas, afinal tudo aparece no brincar, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento, seja ele na educação infantil como nas séries iniciais e assim por toda sua vida escolar.

Tendo em vista que uma parcela significativa de alunos, de várias regiões brasileiras, apresenta dificuldades de aprendizagem especificamente a dislexia, não conseguindo muitas vezes prosseguir seus estudos e chegando a abandonar a vida escolar, propõe-se então, a utilização de estratégias lúdicas associadas às atividades de ensino.

Dica de brincadeira para intervenção de sintomas da dislexia:

1. Sintoma: Dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita;

Exemplo de brincadeira:

1. Locomoção, lateralidade e letramento

Material: corda e giz para desenhar as linhas no solo.

Idade aproximada: a partir de cinco anos.

Local: pátio ou quadra.

Participantes: no mínimo dois.

Instruções: Os participantes se locomovem pelas linhas retas e círculos, demarcados no solo, e cordas espalhadas pelo solo, de diferentes maneiras, efetuando giros, na ponta dos pés, e realizando diferentes movimentos com os braços. Ao comando do organizador, saltam sobre a linha ou corda, com o pé esquerdo, a seguir com o pé direito, param e tocam a linha com a mão direita e a seguir com a esquerda. Formam letras com a corda e andam sobre ela.

#### ÁREAS DE INTERVENÇÃO:

Cognitiva: compreensão de instruções, noções de lateralidade e contato e fixação do alfabeto.

Social: percepção de trabalho em grupo.

Perceptivo-motora: desenvolvimento da coordenação motora, lateralidade e agilidade.

Afetivo-emocional: controle da impulsividade, respeito às normas.

Linguagem: coordena-se a verbalização às ações corporais e contato com letras.

Moral: respeitar seu espaço e momento de ação e seguir ordens.

#### SUGESTÕES MULTIDISCIPLINARES:

engloba principalmente as disciplinas de Educação Física, Matemática e Português.

2. Sintomas: Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.

### Exemplo de brincadeira

- Estafeta vegetal
- Material: frutas e legumes de plástico com cor e tamanho próximos do natural.
- Idade aproximada: a partir de cinco anos.
- Local: pátio ou quadra.
- Participantes: no mínimo oito.
- ÁREAS FAVORECIDAS:
- Cognitiva: compreensão de instruções, capacidade de deslocamento no espaço, criatividade, imaginação, comparação, classificação e seriação.
- Social: observação dos componentes do grupo, oportunidade de complementar ideias e integrar-se ao grupo.
- Perceptivo-motora: identificar semelhanças e diferenças, dedução e formação de hipóteses.
- Afetivo-emocional: podem demonstrar alegria, tensão, medo ou afeto dependendo do animal imitado.
- Linguagem: compreensão de instruções e imitação de sons emitidos pelos animais.
- Moral: oportunidade de reflexão sobre responsabilidade e respeito pelos animais, identificando forma de preservação das espécies e da natureza, que podem ser discutidas em roda de conversa após o término da atividade.
- Instruções: Os participantes se organizam em duas equipes, conforme critério escolhido por eles, posicionando-se em colunas paralelas, ao longo de uma linha demarcada com giz. A 10m desta enfileira-se o grupo de frutas e legumes.

O organizador mostra cada fruta, pedindo que os participantes as nomeie. A seguir escolhe para cada coluna um grupo de frutas ou legumes de acordo com um critério: ou todos os alimentos da mesma cor, ou só as frutas, ou só os legumes. Explica que cada elemento do grupo deve correr até os alimentos, pegar o que lhe é designado, colocar em um círculo de 50 cm de diâmetro riscado no chão, voltar correndo até onde esta sua equipe e tocar com a mão o primeiro da coluna, para que o mesmo possa sair. A atividade termina quando são colocados no círculo todos os alimentos solicitados e vence a equipe que a realizar mais rápido e corretamente.

- ÁREAS DE INTERVENÇÃO:
- Cognitiva: compreensão de instruções, capacidade de deslocamento no espaço, comparação e classificação.
- Social: cooperação e aprender a trabalhar em grupo, e lidar com limites, aguardar a sua vez para realizar a tarefa.
- Perceptivo-motora: agilidade, identificar semelhanças e diferenças.
- Afetivo-emocional: controle da impulsividade e tensão em esperar a vez, aprender a lidar com vitória ou derrota tanto de sua equipe como de outras equipes.
- Linguagem: compreensão de instruções.
- Moral: aprendizagem de trabalho em grupo, e entender que um depende do outro no trabalho em equipe.



# PROBLEMAS DECORRENTES COM DIVULGAÇÃO DA NOTA DO ENEM COMO PRESSÃO FAMILIAR NA ESCOLHA DA PROFISSÃO E DESCONHECIMENTO DAS PRÓPRIAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.

Ângela Mathylde Soares

PHD em neurociência, psicanalista e psicopedagoga

A escolha da profissão é mais um problema que adolescentes e jovens devem enfrentar em meio a tantas adversidades do cotidiano, após a divulgação da nota do Enem. A grande maioria deles não sabe que tipo de profissional quer ser ou em que área atuar. Trata-se de uma situação comum na juventude, pois tem a ver com a forma com que os pais abordam e lidam com os filhos em relação ao tema. Uma decisão inadequada ou “forçada” leva a consequências, como insatisfação com o trabalho, mudança periódica de emprego e depressão, entre outros casos.

Uma pesquisa do “Isma Brasil” (International Stress Management Association) revelou que 72% das pessoas estão insatisfeitas com seu trabalho. A PHD em neurociência, psicanalista e psicopedagoga, Ângela Mathylde Soares, explica que, obviamente, esses dados apontam um alto número de insatisfação e possíveis problemas ocorridos nas empresas, como relacionamentos

inadequados, de gestão ou estrutural, mas também não se pode ignorar quem atua em áreas com as quais, geralmente, acaba não se identificando ou está infeliz com a função.

Segundo a especialista, é essencial um direcionamento e uma capacitação dos adolescentes para o mercado, pois essa inserção requer conhecimento das próprias habilidades e competências, assim como uma correta preparação para dar conta das demandas. O papel da família é estimular esses jovens e apresentar como os processos devem correr com transparência e diálogo.

Em caso de dificuldade nessa situação e os jovens ainda mantiverem dificuldades para identificar uma área, o teste vocacional é uma recomendação. A análise auxilia na decisão com a avaliação sobre traços de personalidade, contribuindo para um melhor entendimento em relação às próprias características e como podem ser vinculadas profissionalmente.

Ângela alerta que não se deve confundir “apoio” com “obrigação”. Afinal, a pressão é uma situação comum, sendo feita por muitos pais, quando os filhos estão escolhendo a profissão e querem que tenham ou sigam a deles como base. Como exemplo, vale citar a médica que deseja um filho médico ou o advogado com o filho seguindo os passos dele e assim, literalmente, sucessivamente. O fato é que esse processo é muito perigoso e bastante prejudicial no desenvolvimento infanto-juvenil.

A recomendação de Ângela é incentivar o autoconhecimento e escolher o que for de interesse próprio para se fixar nessa profissão e atuar

com prazer e sem interferências “externas. Os pais devem viver esse processo com maturidade. É natural observar os jovens ‘surfando’ em profissões de outras pessoas, sendo, muitas vezes, as dos próprios pais, quando deveriam focar no investimento de tempo e dinheiro em ser um profissional realizado e de ponta”, afirma.

Os pais atentos e conscientes atuam como apoio nesse período, afinal, sabem que é crucial trabalhar por realização e não por falta de opção, se sentindo uma pessoa torturada, situação que reflete na qualidade dos serviços, desempenho e compromete a produtividade e-ou empregabilidade.



# PÓS graduação



CENTRO UNIVERSITÁRIO  
SÃO CAMILO



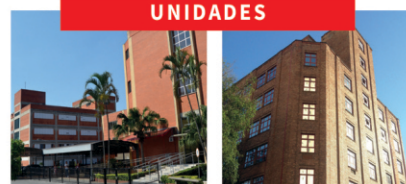
## EDUCAÇÃO

- MBA Gestão Estratégica em Instituições de Ensino Superior
- Psicopedagogia Clínica e Institucional
- Psicopatologia Psicanalítica Contemporânea - Inclusive a Psicossomática
- Psicologia Jurídica

Acesse [saocamilo-sp.br](http://saocamilo-sp.br) e confira nossos cursos presenciais, a distância e em outros polos.

(11) 3465 2664 ou 0300 017 8585

### UNIDADES



**Campus Ipiranga**  
Avenida Nazaré, 1501

**Campus Pompeia**  
Rua Raul Pompeia, 144



**Polo Juazeiro do Norte**  
Rua Catulo da Paixão Cearense, 175, Pátio Cariri Corporate, Décimo terceiro andar (Andar Núcleo Avançado de Desenvolvimento)



CENTRO UNIVERSITÁRIO  
SÃO CAMILO